

José Roberto Santos Neves

Viva a condessa de pés descalços!

Era para ser uma temporada de apenas uma semana, mas acabou durando dois meses. Roberto Menescal, que sempre foi um rapaz tranquilo, adepto da geração saúde e avesso a bebida, não tinha a mínima noção do que Maysa e Bôscoli seriam capazes de aprontar naquela excursão pelo Cone Sul. Antes mesmo do embarque, Bôscoli, com sua poderosa lábia, convenceu Maysa de que o conjunto precisava de dois pianistas, porque, segundo ele, Luiz Eça era bom de melodias, mas fraco em samba, enquanto Luís Carlos Vinhas era muito bom ritmista, porém, limitado nas baladas.

Quem conheceu de perto os dois músicos sabe que o argumento de Bôscoli não tinha pé nem cabeça; afinal, tanto Eça como Vinhas poderiam dar conta do recado sozinhos. Mas Maysa caiu na conversa dele. No palco, havia apenas um piano, onde Luiz Eça e Vinhas se revezavam até o final da apresentação.

— Nunca vi uma coisa dessas no mundo. Era uma maluquice —
diverte-se Menescal.

O que se veria dali em diante seria uma sucessão de episódios pitorescos, dignos de turnês de astros do rock — e olha que, em 1961 o planeta ainda não havia sido apresentado aos Beatles. Ao chegar no Alvear Palace Hotel, um dos mais tradicionais de Buenos Aires, Ronaldo Bôscoli comunicou ao conjunto que ficaria no mesmo quarto de Maysa, pois estavam namorando.

No livro *Eles e Eu*, Bôscoli conta que Maysa era uma mulher experiente, voluptuosa e entregue em matéria de sexo, diferente de Nara,

José Roberto Santos Neves

uma menina frágil em quem ele mal tinha coragem de encostar.

— Foi uma paixão enlouquecida. Maysa me abriu os braços e eu vi o mundo. A gente transava onde queria: na praia, no carro, nos camarins, em qualquer canto. Canalizei todo o tesão reprimido pela Nara naquele caso de amor.

Em 1961, a Argentina vivia mais uma fase de instabilidade política, marcada por conflitos entre peronistas (simpatizantes do ex-presidente Juan Domingo Perón) e não-peronistas. Buenos Aires era palco diário de atentados de ambos os lados. Mas Maysa e Bôscoli não se intimidaram com o clima de guerra civil; pelo contrário, acharam que aquilo tudo podia dar samba.

Logo no primeiro dia, a turma preparava-se para almoçar em um restaurante chique, quando explodiu uma bomba próximo à mesa onde eles se sentavam. Apavorado, o garçom jogou o bandeirão para o alto. Voou peixe para tudo quanto é lado, subiu uma fumaceira danada. Os clientes, desesperados, saíram correndo do restaurante. Para os argentinos, aquela explosão poderia significar o início de mais uma revolução, mas, para Maysa e Bôscoli, tratava-se apenas de uma bombinha chamada *Puf*, que eles haviam trazido do Brasil.

Menescal recusava-se a acreditar que seus companheiros de turnê teriam sido os autores de tamanha crueldade, até Maysa confirmar que no seu apartamento havia uma caixa cheia com a tal bombinha.

Daí para frente, atirar bombinhas do quarto do hotel virou o passatempo preferido de Maysa e Bôscoli. O bombardeio era cuidadosamente planejado: na hora do *rush*, eles aproveitavam para abrir as janelas e detonar os *pufs* na rua. Os argentinos, sem saber de onde vinham

José Roberto Santos Neves

os ataques, ficavam perdidos: os guardas paravam o trânsito, os pedestres corriam, os motoristas largavam o volante... Do alto dos seus quartos, “nossos heróis” assistiam a tudo aos risos e devidamente escoltados por garrafas de uísque.

A criatividade de Maysa e Bôscoli parecia não ter limites. No dia seguinte ao episódio do restaurante, eles foram a uma boate onde se apresentava o saxofonista Gato Barbieri, entre outros jazzistas de ponta. Depois de uma deliciosa *jam session*, da qual participaram os músicos brasileiros, subiu um cheiro insuportável na casa. A “maré” era tão forte que — com o perdão do trocadilho — a boate teve de ser evacuada. Ao olhar para o lado, Menescal flagrou Maysa e Bôscoli se acabando de rir. Afinal, só eles sabiam que a origem daquele mau cheiro vinha de um pavio que eles haviam espalhado pela boate inteira.

A estréia de Maysa no King's Club foi descrita por Ronaldo Bôscoli em reportagem publicada na *Manchete*, com o título “La condesa descalza”. A inspiração veio de um imprevisto ocorrido durante o espetáculo: o salto do sapato havia quebrado e Maysa, cansada de agarrar-se ao microfone para não cair, resolveu chutar os sapatos para o canto do palco e seguir o show descalça. Da escuridão das mesas, um jovem mais exaltado levantou-se, com o copo para o alto, e brindou: “Es la condesa descalza!”

Diferentemente de sua primeira apresentação na Argentina, desta vez Maysa levava ao país um repertório basicamente de sambas e Bossa Nova, mais alegre e menos dramático, e bem ao perfil de “O barquinho”. O público, entusiasmado, aprovou a nova fase. O rapaz que a elegera condessa que o diga. Após Maysa interpretar um blues, ele ergueu-se

José Roberto Santos Neves

novamente para gritar: “Queremos la samba, condeza.”

Ao final do espetáculo, após seis números de bis, a cantora, que já estava novamente calçada, tirou os sapatos e atirou-os aos espectadores, atitude que rendeu uma boa publicidade para a história da “Condessa Descalça”. Bôscoli encontrava-se numa situação delicada: como poderia falar mal de um show do qual era produtor e de uma cantora com quem namorava? A isenção jornalística, àquela altura, tinha ido para o espaço. Sorte a dele que a turnê foi, de fato, um sucesso, como confirma Menescal.

— Maysa fazia escândalos fora do palco, mas sempre foi muito bem em cena. Era afinada e superprofissional.

Conhecido pelo seu bom-mocismo, o autor de “O barquinho” se surpreendia a cada dia com as brincadeiras dos colegas. Certa vez, por volta das sete e meia da noite, ele não acreditou na cena que viu quando a porta do elevador do hotel se abriu: Maysa vestia terno, gravata, chapéu e sapatos, e tinha os seios espremidos pelo terno; Ronaldo Bôscoli usava um vestido de Maysa, que deixava suas pernas tortas e cabeludas à vista; e Luís Carlos Vinhas também estava “uma graça”, com outro vestido. O ascensorista, inibido diante daquela situação bizarra, apenas olhava para o chão. O trio foi direto para o hall do hotel, onde acontecia uma recepção finíssima. O coquetel parou: ninguém conseguia tirar o olho daquelas figuraças. Menescal fingiu que não os conhecia.

No decorrer da turnê, o romance de Maysa e Bôscoli começou a esquentar. As brigas eram homéricas e volta e meia um deles saía ferido. O motivo era quase sempre o excesso de álcool. Bôscoli, que estava longe de ser um abstêmio, resolveu controlar a dosagem etílica de Maysa escondendo as suas garrafas de uísque. A tática de nada adiantou, pois

José Roberto Santos Neves

Maysa entrava no banheiro e em cinco minutos saía de lá bêbada. Encucado com a situação, Bôscoli resolveu investigar o local e — surpresa! — descobriu um barbante pendurado na janela, dando para fora do banheiro. Ao puxar a fitinha, pescou uma garrafa de uísque. Estava desfeito o mistério.

Até que, um dia, os pais de Maysa, em visita à Argentina, resolveram se hospedar no mesmo hotel da filha. Na recepção, seu Alcebíades encontrou com Roberto Menescal, com quem começou a bater papo. Enquanto isso, no quarto, Maysa estava trancada no banheiro e Bôscoli batia na porta desesperadamente, com vontade de urinar. Como Maysa não abria a porta nem por reza, Bôscoli não pensou duas vezes: fez na garrafa e a escondeu atrás da cortina. Nessa hora, seu Alcebíades entrou no quarto da filha atrás de birita e, ao ver aquela garrafa de líquido coradinho dando sopa, não teve dúvidas: mandou aquele gole rápido, de uma só vez. O tempo fechou na hora. Furioso, Alcebíades quis saber quem era o engraçadinho autor da brincadeira. E Bôscoli, às gargalhadas com a confusão, pediu abrigo no quarto de Menescal.

Foi lá que ele recebeu o telefonema de uma mulher com sotaque argentino, que se identificou como Miguelita. A moça se dizia amiga de Danuza Leão. Em castelhano, Miguelita contou que estivera dias antes no Rio com Nara, e, a pedido dela, queria saber se tudo corria bem na turnê. Bôscoli disse a ela que estava morrendo de saudades de Nara e que ficaria noivo da cantora logo que voltasse da Argentina.

— Diga a Nara que estou aqui com “La Gorda” (ele chamava Maysa de gordinha) fazendo shows, mas que não vejo a hora de voltar ao Brasil para ficar com ela — derramou-se.

José Roberto Santos Neves

Ao se despedir da moça, ele sentiu que havia alguma coisa estranha naquela história. Em menos de dois minutos, a suposição se confirmou quando Maysa praticamente arrombou a porta do quarto cobrando explicações sobre “La Gorda”. Ou seja: ela estava com uma amiga argentina no quarto dos pais e pediu para a moça ligar para Bôscoli. Esperta, Maysa preparou a armadilha e Bôscoli caiu que nem um patinho.

O desfecho da briga quase foi trágico. Preocupados com a gritaria no quarto ao lado, Menescal e Bebeto decidiram intervir. Bateram na porta e, diante do silêncio, pensaram no pior. Foi quando Bôscoli abriu a porta, de cueca, com o corpo todo arranhado, enquanto Maysa engatinhava pelo quarto, procurando um dos seus dentes pelo tapete. Naquele dia, revela Menescal, Maysa fez o show com óculos escuros e com um chiclete no lugar do dente perdido.

Esse foi o estopim para o violonista pedir as contas e abandonar a turnê.

— Disse a eles que não estava agüentando aquele clima. Eu passava pela portaria envergonhado e os caras já olhavam para mim como se eu estivesse jogando bombinhas. A própria Maysa disse que tinha chorado muito naquele dia. Ela tinha atirado uma bombinha em um garçom velhinho, mas ele não se assustou e ainda deu uma Bíblia para ela — lembra Menescal.

A turnê prosseguiu por mais uns 15 dias, no Uruguai e no Chile, com Maysa sendo acompanhada por um trio de piano, bateria e contrabaixo. No Uruguai, a cantora se apresentou para as delegações dos países americanos por ocasião da histórica reunião da Organização dos Estados Americanos, OEA, realizada no Cassino Hotel San Rafael, em Punta del Leste, quando

José Roberto Santos Neves

Cuba foi excluída da organização.

Para limpar sua barra junto a Nara, Bôscoli pediu para Menescal entregar duas alianças à cantora, logo que chegasse ao Rio. Mas a estratégia foi em vão: Nara não só jogou as alianças fora como também disse a Menescal que já sabia de tudo o que estava rolando entre Bôscoli e Maysa.

A tímida Nara só não tinha idéia do que Maysa era capaz de fazer por um grande amor. Ainda no aeroporto de Ezeiza, em Buenos Aires, a cantora convocou a imprensa para recebê-la no aeroporto do Galeão, pois teria uma “bomba” para anunciar. Ao ver um monte de colegas no saguão do aeroporto, Ronaldo Bôscoli perguntou a Maysa se ela sabia a razão de todo aquele movimento. Ela disse:

— É tudo para mim.

— Que bom! — pensou Bôscoli — . A turnê fez tanto sucesso que a imprensa está toda aqui para cobrir nossa chegada.

Mas ele quase caiu para trás quando Maysa, agarrando-o no braço, disse aos jornalistas:

— A notícia é a seguinte. Eu e Ronaldo Bôscoli vamos nos casar, e ninguém pode impedir.

Enquanto Maysa dava detalhes do “noivado”, Bôscoli não sabia onde enfiar a cara. Ficou mudo, sem ação. Alguns repórteres ligaram na mesma hora para Nara, querendo saber o que ela teria a dizer sobre o noivado do seu namorado com Maysa. A resposta dela veio pela rejeição: Nara nunca mais quis saber de Ronaldo Bôscoli, apesar dos apelos dele para uma reconciliação. Este, por sua vez, escondeu-se no Hotel Plaza até a poeira baixar e a imprensa esquecer o assunto. Houve bate-boca entre Maysa e

José Roberto Santos Neves

Nara Leão pelos jornais e, diante do clima pesado que pairava sobre o céu azul da Bossa, Maysa convidou a turma toda para ir para Vitória, onde tinha show marcado no Praia Tênis Clube. Começava ali uma nova fase na vida da cantora. Ano agitado, o de 1961.

✓ *Trecho do livro "Maysa", de José Roberto Santos Neves.*